

O Estado vai mal; a economia vai bem.

Empresário disposto a investir e indústrias a todo o vapor. Tudo em compasso de espera, pela queda da inflação. Por Aluísio Maranhão, AE/Rio.

Alguns dos mais recentes indicadores do comportamento da indústria mostram que a economia estacionou em um paradoxo: o setor público continua envolto por nuvens sombrias, a inflação se mantém elevada, mas, na média, as fábricas utilizam boa parte da capacidade de produção de suas máquinas e os empresários privados retiram das gavetas planos de investimento.

Os números são claros. Em maio e nos meses de setembro e outubro tenha havido uma queda em relação a 87, basicamente em função das incertezas diante dos riscos da hiperinflação e das incógnitas eleitorais, os créditos para a compra de máquinas e equipamentos liberados pela Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame), do Banco Nacional

de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), cresceram, nos dez primeiros meses do ano, nada menos do que 21,8% além da inflação do período. E some-se a isso a conclusão da última sondagem feita pela Fundação Getúlio Vargas junto a 2.140 empresas, de que a indústria operou no mês passado com irrisórios 20% de ociosidade. Quer dizer, todos falam cobras e lagartos da situação econômica mas a máquina produtiva continua a se mover.

Problemas, evidentemente, existem e não são pequenos. O economista Antônio Barros de Castro, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e acurado observador do cotidiano da economia está convencido, por exemplo, de que "a inflação encontra-se madura para ser derrubada".

Armadilhas

Castro acha, contudo, que há armadilhas engatilhadas à frente dos indicadores de alguma recuperação do nível de atividade da economia. Apesar das estatísticas da Finame, entende o analista que "os investimentos se recusam a decolar por causa de uma saturação de incertezas". Afinal, diz ele, ninguém sabe qual será o calibre da política econômica que vem por aí.

O economista reconhece que a economia padece de um paradoxo: "Ele existe desde 84, pois há quatro anos ela está apta para crescer enquanto é flagelada pela inflação". E o tempo conspira contra, pois na medida em que os meses se arrastam e a recuperação definitiva não vem, as próprias condições para o crescimento vão

se deteriorando, como ocorre com a infra-estrutura, dos setores energético, de transportes, comunicação e do ensino.

É bem verdade que poucas vezes as empresas estiveram tão bem financeiramente como agora. Desde o Plano Cruzado elas cuidam de reduzir seus custos, aumentar a produtividade e com isso rigaram seus cofres com recursos abundantes. Mas o problema é de elas não estão imunes aos efeitos da corrosão que atinge a infra-estrutura do País pela ausência de investimentos públicos pesados. Na visão do economista, como não há um rumo definido para a economia, a longo prazo o potencial de crescimento do setor privado termina não se transformando em realidade".

Impasses

Júlio Mourão, superinten-

dente de planejamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), também admite a existência de impasses mas crê que os projetos de investimentos pesados previstos para a petroquímica e a indústria de papel e celulose nos próximos três anos, e que movimentarão qualquer coisa entre quatro e cinco bilhões de dólares, serão capazes de contrabalançar a falta de gastos públicos em projetos produtivos. Mourão concorda, porém, que a falta de inversões do Estado na infra-estrutura, joga um manto de dúvidas diante do futuro.

O fato é que a economia parece transitar sobre um fio tênue. O ano deve fechar com um crescimento em torno de 2%, segundo projeções do BNDES, uma taxa pequena se for levado em conta que será preciso criar 1 milhão e 500

mil novos empregos anualmente para abrigar o contingente da população que chega ao mercado de trabalho. Mas, se essa taxa se expandir pode ocorrer um estrangulamento dentro das próprias fábricas por elas estarem funcionando próximas do seu limite físico de produção. "Começar a crescer no limite da capacidade instalada é uma antipolítica de crescimento", alerta Barros de Castro.

Os analistas econômicos apontam para a necessidade de reduzir a inflação, considerada por todos o grande obstáculo para que o País consiga trafegar pelos trilhos da expansão sem distorções. Mas a questão, como diz Mourão, é que o futuro do setor produtivo da economia vai depender da maneira como será combatida a alta dos preços.